

## PLATÃO NO PAÍS DOS SONHOS

### 1. Um parentesco inquietante

Os Gregos, como é normal, interessam-se pelos sonhos. O sonho é algo de estranho, com as suas histórias insólitas, por vezes com cenas aterradoras, cuja impressão é capaz de sobreviver, muito tempo, após o despertar.

Os Gregos tinham a experiência de que o sono nem sempre é reparador e, que nem sempre o sonho é uma experiência agradável.

Numa mitologia onde os seres superiores constituem uma multidão, não é para espantar que nela surja Hypnos, o sono, o qual é irmão de Thanatos, a morte, fazendo os sonhos parte desta família, que remontava à Noite, a medonha, na expressão de Hesíodo <sup>(1)</sup>.

Hoje, o que nos pode espantar, devido à distância a que nos encontramos, é o parentesco estabelecido pelos Gregos, entre Hypnos e Thanatos. Mas o Grego entendia que existia uma semelhança entre o sono e a morte: o sono era uma perda de consciência temporária enquanto a morte o era para sempre.

Nos poemas homéricos o sonho tem um papel relevante. Na *Iliada*, como podemos ler, Zeus envia um sonho a Agamémnon, sonho esse que é enganador <sup>(2)</sup>.

---

(1) Quanto a esta família veja-se Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Difel, 1992, entrada *Noite*, pp. 332-333.

(2) *Iliada*, II, vv. 1-41.

Zeus, desta forma, convence o rei de Micenas a atacar os Troianos para nesse dia conquistar a cidade. Mas é uma derrota que espera o chefe dos Aqueus.

É interessante salientar dois aspectos que envolvem este sonho:

- a) o sonho pode ser enviado pela divindade;
- b) a divindade pode enganar um mortal através do sonho.

A *Iliada* era inquietante para o Grego: os deuses para além dos poderes que possuem, têm ainda a capacidade para enganar os mortais enquanto estes dormem.

A *Odisseia* fala, também, do sonho mas, em contraste com a *Iliada* trata-o de uma forma agradável e simpática.

Nausica, filha de Alcino, rei dos Feaces, tem um sonho enviado por Atena: deverá levantar-se cedo e ir para o rio, tratar da sua roupa. Será no local da lavagem que a princesa encontrará Ulisses, após o seu naufrágio, tal como tinha sido planeado pela deusa <sup>(3)</sup>.

Nausica, encontrando o herói, irá fornecer-lhe as indicações necessárias para ele chegar ao palácio de Alcino. Como podemos ver a acção de Atena é positiva, pois, trata-se de auxiliar Ulisses.

Pelos exemplos apresentados ressalta a importância do sonho nos poemas homéricos, os quais constituem a *paideia* dos Gregos antigos. E não é para admirar que os sonhos fossem vistos, nessa época, como um elemento precioso para a adivinhação.

O que pretendemos mostrar, neste ensaio, é o interesse de Platão por tal matéria e a atitude perante o sono, o sonho e a sua decifração.

## 2. O sono e os sonhos

Como vamos ver há na obra de Platão várias passagens referentes ao sono e aos sonhos. Quanto aos sonhos iremos encontrar não só aqueles que apresentam um aspecto normal mas também os que se revestem de uma forma monstruosa.

---

(3) *Odisseia*, VI, vv. 12-40.

Vejamos, agora, uma passagem da *Apologia* respeitante ao sono:

*"Se todo o sentimento cessa e o que há é como um sono, em que nada se vê, nem em sonho, então a morte será um benefício maravilhoso. Pois se alguém, considerando à parte uma noite assim, em que tivesse dormido um sono sem sonhos, e comparando-a com as outras noites e dias da sua vida, tivesse de decidir quantos dias e noites tinha vivido mais agradáveis do que aquela, estou convencido de que essa pessoa, quer se tratasse de um simples particular, quer fosse mesmo o grande rei, acharia muito poucos dias e noites nestas condições. Se a morte é, pois, uma coisa deste género, digo que é um lucro real, porque então o tempo todo não parece ser mais do que uma só noite." (4).*

Esta passagem insere-se nas palavras que Sócrates dirige aos juízes que votaram pela sua absolvição. Quanto à existência além-túmulo coloca duas hipóteses sendo a primeira, a que nos interessa neste momento, aquela que transcrevemos.

Levando em linha de conta algumas considerações anteriormente feitas por nós, não é para admirar que a morte como o cessar dos sentimentos seja semelhante a um sono sem sonhos, já que Thanatos e Hypnos são irmãos.

Atentemos no elogio feito a um sono sem sonhos. É um longo elogio feito por Sócrates a um sono, que na sua convicção, surge poucas vezes. O sono sem sonhos é raro nos indivíduos, qualquer que seja o seu estatuto social.

Ressalta, igualmente, da passagem que estamos a analisar, que o sonho não é considerado como algo desejável.

Assim, Sócrates considerava que se a morte é equivalente a um sono tranquilo, ela será, indiscutivelmente, um bem.

---

(4) *Apologia*, 40 C-E (trad. Manuel Pulquério).

É a seguinte a edição que seguimos:

*Apologia de Sócrates. Criton*, Coimbra, I. N. I. C., 1984. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério.

O mesmo tema surge na *República*, e desde já podemos adiantar, de uma forma mais densa e complexa. Em determinada altura, podemos ler o seguinte:

*"de entre os prazeres e desejos não-necessários, há alguns que me parecem ilegítimos, que provavelmente são inatos em toda a gente, mas, se forem castigados pelas leis e pelos desejos melhores, com o auxílio da razão, em alguns homens, ou se dá a libertação total deles ou os que restam são poucos e débeis; ao passo que em outros se tornam mais fortes e mais numerosos" (5).*

Como iremos ver, um pouco mais adiante, esta passagem está ligada ao tema que nos interessa. Para já fiquemos na sua análise.

Platão considera que existe um grupo de prazeres e desejos que não são necessários ou fundamentais, grupo esse que pode ser subdividido conforme englobe os legítimos e os ilegítimos.

Relevante a afirmação de que os desejos ilegítimos fazem parte (*provavelmente*) da natureza humana, ou seja, estão presentes no espírito e devido ao seu carácter levantam problemas graves na conduta do indivíduo.

Platão considera, porém, que pode haver condições para, nalguns homens, se dar a libertação total ou, então, o enfraquecimento desses desejos ilegítimos. Em contrapartida noutros, sem esforço e sem formação, esses desejos tornam-se mais fortes e avassaladores.

Continuemos, porém, a acompanhar a digressão platónica; vejamos, agora, de quais desejos, caracterizando-os mais a fundo, o filósofo está a falar:

*"— Daqueles que despertam durante o sono, sempre que dorme a parte da alma que é dotada de razão, cordata e senhora da outra, e quando a parte animal e selvagem, saciada de*

---

(5) *República*, IX, 571 B-C (trad. M. H. Rocha Pereira).

É a seguinte a edição que seguimos:

*A República*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 5 1987. Introdução, tradução e notas de M. H. da Rocha Pereira).

*comida e de bebida, se agita, repudia o sono e procura avançar e satisfazer os seus gostos (...) Não hesita, no seu pensamento, em tentar unir-se à própria mãe, ou a qualquer homem, deus ou animal, em cometer qualquer assassinio, nem se abster de alimento de espécie alguma" (6).*

Estamos convencidos de que a passagem, que acabámos de transcrever faria as delicias de um psicanalista. Platão não tinha, convém lembrar, os instrumentos teóricos, semelhantes aos actuais, para levar mais longe a sua análise. Todavia, o filósofo mostra uma enorme finura em matéria tão delicada e complexa.

Salientemos, de seguida, alguns aspectos desta passagem:

- 1) a teoria platónica assente numa concepção de alma que o filósofo desenvolve neste diálogo (7) e que é retomada, depois, no *Fedro* (8);
- 2) atentemos na parte da alma, aqui tratada, animal e selvagem, que se agita durante o sono, fazendo vir à superfície os desejos ilegítimos, ou melhor, monstruosos, exemplificados no texto;
- 3) estes desejos, que tomam a forma de pesadelos, tornam o sono não reparador.

Esta passagem da *República* é relevante para a concepção da psicologia platónica. O filósofo defende que existe uma parte irracional no homem e que nela habitam desejos ou instintos violentos. Platão não é optimista quanto, ao que se costuma chamar, a natureza humana. Acredita, firmemente, que a formação ou educação podem melhorar alguns homens, trazer-lhe o domínio sobre si próprios, mas haverá outros cuja natureza será refractária à formação.

---

(6) *República*, IX, 571 C-D (trad. M. H. Rocha Pereira).

(7) Quanto à concepção da alma na *República* diz M. H. Rocha Pereira: "a alma do indivíduo tem três elementos: apetitivo, espiritual e racional. Aos apetites cabe obedecer, às emoções assistir, à razão governar" (*ob. cit.*, p. XXIII).

(8) *Fedro*, 246 A-B; 253 C-E.

Para ilustrar e aprofundar o que acabámos de dizer, vejamos outra passagem da *República*:

*"[quando uma pessoa] adormecer com um coração não agitado, mas depois de ter tranquilizado estas duas partes da alma, e de ter posto em movimento a terceira, na qual reside a reflexão, assim se entregar ao descanso, sabes bem que é nessas condições sobretudo que se atinge a verdade, e que aparecem menos as visões anómalas dos sonhos" (9).*

Acalmar as partes instintivas da alma através da racional é a grande condição para a existência de um sono calmo, no qual não surjam os sonhos medonhos. É o convite para a adopção da sabedoria que poderá trazer o autodomínio, libertando, pelo menos em grande parte, o homem da tirania das paixões violentas.

A síntese da teoria de Platão, feita pelo próprio, surge na seguinte passagem:

*"O que queremos saber é o seguinte: que existe em cada um de nós uma espécie de desejo terrível, selvagem e sem leis, mesmo nos poucos de entre nós que parecem ser comidos. É nos sonhos que o facto se torna evidente" (10).*

O que Platão quer dizer é que esta parte selvagem existe em todos os homens, ou seja, mesmo naqueles que parecem moderados essa parte está presente. É a prova de tal convicção, segundo o filósofo, reside nalguns sonhos.

Anotemos, pela sua importância, que Platão na *República* apresenta uma teoria referente às causas dos pesadelos. É mais uma vez foquemos o seguinte ponto: a natureza humana é complexa e não é dócil; nalguns casos nem é passível de receber a educação, enquanto noutros a educação é sempre necessária para dominar esses desejos terríveis.

---

(9) *República*, IX, 572 A-B (trad. M. H. Rocha Pereira).

(10) *República*, IX, 572 B (trad. M. H. Rocha Pereira).

### 3. Os sonhos nos diálogos de Platão

A nossa digressão vai levar-nos a apresentar dois sonhos que estão relatados nos diálogos *Criton* e *Fédon*.

Vejamos o primeiro.

Quando o velho amigo de Sócrates, Criton, o visita na prisão, onde aguarda a morte, Sócrates diz-lhe que está convencido de que o navio de Delos chegará no dia seguinte <sup>(11)</sup>:

*"Então não creio que chegue hoje, mas amanhã. Fundo a minha suposição num sonho que tive esta noite, há poucos instantes.*

*Ainda bem que não me acordaste nesta ocasião"* <sup>(12)</sup>.

Perguntando Criton qual foi o sonho, respondeu-lhe Sócrates:

*"Pareceu-me ver uma mulher bela e graciosa, de manto branco, aproximar-se de mim, chamar-me e dizer: Sócrates, «dentro de três dias deverás chegar à fértil Ftia»"* <sup>(13)</sup>.

Há, aqui, um sonho que é decifrado pelo próprio Sócrates. É um sonho breve e relativamente simples.

A mulher que aparece a Sócrates, no sonho, apresenta as características de uma deusa. Muito provavelmente são tais características que levam Sócrates a interpretar o verso da *Iliada* no sentido segundo o qual, em breve será executado.

A questão que se pode colocar e que, aliás, é fulcral, é se o filósofo ou alguns filósofos possuem o dom da adivinhação. É um problema que abordaremos na última parte deste ensaio mas, para já, afirmamos o que nos parece evidente: Sócrates adivinha o sonho que teve nessa noite.

---

<sup>(11)</sup> Quanto à importância do dia da chegada do navio de Delos escreve Manuel Pulquério:

"O envio anual desta nau a Delos, ao mesmo tempo que celebrava o nascimento de Apolo, comemorava a proeza de Teseu que libertara Atenas dos sacrifícios humanos que lhe impunha o Minotauro. No período que mediava entre a coroação da nau e o seu regresso de Delos, não podia haver em Atenas execuções capitais. Ora a condenação de Sócrates ocorrera no dia a seguir ao da coroação da nau" (*ob. cit.*, p. 89, n. 2).

<sup>(12)</sup> *Criton*, 44 A (trad. Manuel Pulquério).

<sup>(13)</sup> *Criton*, 44 B (trad. Manuel Pulquério).

Vamos analisar, seguidamente, o sonho que surge no *Fédon* e as considerações que Sócrates produz acerca deste mesmo sonho.

Cebes transmite a Sócrates o interesse de Eveno em saber a razão que o levou a compor o hino a Apolo e os poemas sobre as fábulas de Esopo. E, a este respeito, diz Sócrates:

*"... não foi intenção minha competir com ele ou com os seus poemas (nem isso seria fácil, sabia-o bem...) mas tão-só certificar-me do significado de certos sonhos e desquitar-me de um dever religioso, caso fosse esta a espécie de «música» que me mandavam praticar. Eis, em linhas gerais, os factos: frequentes vezes ao longo da minha vida me visitava o mesmo sonho, ora sob uma ora sob outra visão, mas sempre com as mesmas palavras: «Sócrates, compõe, pratica a arte das Musas!»" (14).*

Sócrates considerou que este sonho era um incitamento à sua actividade, que tinha como objecto a *música*

*"visto que a filosofia é a mais alta forma de música e outra não era, justamente, a minha ocupação." (15).*

Sócrates após o julgamento e a festa em honra do deus, pensou se não seria a *música* vulgar aquela que a divindade lhe indicava:

*"achei conveniente voltar-me então para a poesia, para, no caso de assim ser, não cair em desobediência. Era, efectivamente, mais seguro não partir sem me desquitar desse dever de compor poemas, seguindo as prescrições do sonho. Foi assim que comecei por fazer um hino ao deus em honra de quem se realiza a presente festa; a seguir ao hino, pensei, contudo, que o poeta, para ser verdadeiramente poeta, deve*

---

(14) *Fédon* 60 D-E (trad. M. T. Azevedo).

É a seguinte a edição que seguimos:

*Fédon*, Coimbra, Minerva, 1988. Introdução, versão do grego e notas de M. Teresa Schiappa de Azevedo.

(15) *Fédon*, 61 A (trad. M. T. Azevedo).



*criar ficções e não argumentos; ora eu não era, pessoalmente, um criador de ficções... E eis porque peguei nessas histórias mais acessíveis, que sabia de cor — as fábulas de Esopo — e passei para verso as primeiras que se me depararam. Ai tens pois, Cebes, o que explicarás a Eveno'' (16).*

O sonho que surge no *Fédon* é complexo e toda a passagem transcrita não é de fácil interpretação.

O sonho é complexo, pois, como podemos ver, repete-se ao longo do tempo, com variações, mas mantendo o essencial. E por outro lado, não admite, claramente, uma interpretação.

Pensamos que é interessante atentar nas duas interpretações que Sócrates deu ao sonho:

- a) a *música* é considerada como filosofia;
- b) a *música* é vista como poesia.

Anotemos, ainda, o que vai ser importante na nossa interpretação, dois pontos referentes a este sonho:

- o deus não enviou um sonho enganador;
- Sócrates admite que a sua primeira interpretação possa não ser correcta.

O Sócrates platónico surge como um homem altamente respeitador da vontade dos deuses. É essa atitude que o leva a interpretar o sonho. E é, ainda, ao colocar a hipótese de se ter enganado, por respeito ao deus, que vai compor um hino e versificar as fábulas de Esopo.

#### 4. O filósofo e o adivinho

Apresentámos, até este momento, um quadro que, em nossa opinião, nos vai permitir interpretar os elementos que fomos expondo nas páginas anteriores.

---

(16) *Fédon*, 61 A-B (trad. M. T. Azevedo).

A questão que desejamos apresentar neste ensaio é a seguinte: qual é a posição platônica perante a adivinhação pelos sonhos? O Sócrates retratado por Platão é um adivinho? Existe alguma relação entre o filósofo e o adivinho?

A questão que, para nós, é fundamental, desdobra-se, como vimos, em vários aspectos.

Relembremos, agora, que Platão aborda os temas do sono, do pesadelo e do sonho: é, pois, uma apreciação global levada a cabo pelo filósofo.

O sono sem sonhos é algo de precioso pela sua tranquilidade mas, também, pela sua raridade. A distinção entre o pesadelo e o sonho é igualmente realizada. Platão, como vimos, considera que os pesadelos, esses sonhos monstruosos, são provocados pela parte selvagem da alma. E é a formação que, em grande parte, resolve este problema. De facto, se se perguntasse a Platão qual o remédio para os pesadelos terríveis que, por vezes, afligem o espírito, ele responderia que o remédio consistiria na sabedoria. Na perspectiva do filósofo, o tratamento de uma afecção psicológica, como hoje diríamos, realiza-se através do saber, o qual comporta, o conhecimento da virtude.

A digressão platônica através deste tema liga-se com o problema da autonomia humana. A libertação atinge-se quando se dominam as paixões e se adquire o conhecimento. Desta forma o filósofo é o homem que conquistou a liberdade. O saber e a tranquilidade de espírito encontram-se, em Platão, intimamente ligados.

Depois destas considerações podemos abordar o problema da adivinhação em Platão.

O filósofo considera a existência de adivinhos como algo normal. Num diálogo que deve ser certamente posterior ao *Fédon* e à *República*, o *Timeu*, explica como é possível a adivinhação pelos sonhos. Essa possibilidade é bem delimitada, havendo, assim, o cuidado do filósofo em não deixar margem para manobra por parte dos charlatães <sup>(17)</sup>.

Questão que nos parece interessante colocar-se é qual o lugar de adivinho no campo do saber. Pergunta a que Platão irá responder.

---

(17) *Timeu*, 71 D - 72 C.

No *Ménon* o filósofo fala dos adivinhos a propósito da opinião verdadeira <sup>(18)</sup>. Para o filósofo existe uma diferença fundamental entre a opinião e a ciência; esta última pode ser ensinada enquanto a primeira o não é. A adivinhação é um dom dado pelo deus a um homem: o adivinho não sabe, propriamente, o que está a dizer porque não tem a ciência das coisas e por isso mesmo não pode transmitir a sua faculdade a outra pessoa.

É assim que, para Platão, o filósofo não se confunde com os *homens divinos*, adivinhos e poetas, pois não se encontram no mesmo plano.

Depois de termos estabelecido a linha divisória entre a adivinhação e a filosofia entremos na questão delicada do significado dos sonhos no *Criton* e no *Fédon*.

Os dois sonhos não pertencem à categoria dos pesadelos: são claros por um lado e, até certo ponto, agradáveis, por outro.

Tanto num caso como no outro, e já tivemos ocasião de o ver, Sócrates avança com a sua interpretação: no *Criton* ela é correcta, mas no *Fédon* a prudência aconselha uma segunda interpretação.

Há, todavia, um aspecto, o qual pode ser relevante para a nossa interpretação, e, por isso, deve ser mencionado: Sócrates interpreta dois sonhos que teve, ou seja, nunca surge como intérprete dos sonhos de outra pessoa.

Anotemos, ainda, que os dois sonhos dizem respeito a momentos cruciais da vida de Sócrates: no *Criton* indica a data da execução, no *Fédon* é um incentivo a um determinado tipo de vida.

Todos estes aspectos, que aprofundam, assim o esperamos, as análises que fizemos anteriormente irão auxiliar-nos na nossa interpretação. Mas teremos, ainda, de nos debruçar sobre outra passagem do *Fédon*.

Sócrates, comenta, com ironia, que tem dificuldade em convencer os seus ouvintes de que está feliz por partir para o Além:

"... os meus dons de adivinhar são, aos vossos olhos, ainda inferiores aos dos cisnes" <sup>(19)</sup>.

---

(18) *Ménon*, 99 A-D.

(19) *Fédon*, 84 E (trad. M. T. Azevedo).

E, um pouco mais adiante, referindo-se ao canto dos cisnes, diz o seguinte:

"...antes julgo que, como aves que são de Apolo, possuem o dom de adivinhar e, antevendo os bens que os aguardam no Hades, por isso cantam de júbilo como jamais em vida cantaram, nesse dia, em que morrem. Ora pelo que me toca, também eu me julgo um companheiro de servidão dos cisnes: consagrado, como eles, ao mesmo deus, possuidor de dons divinatórios, de meu amo recebidos, não inferiores aos deles, e não mais desgostoso do que eles por abandonar a vida..."<sup>(20)</sup>.

Nesta passagem, onde podemos admirar o estilo literário de Platão, fala-se do canto dos cisnes: estes, no seu último dia, lançam o seu mais belo canto, não por se encontrarem infelizes, mas, sim, por *verem* o que os espera no Hades. É a partir desta interpretação, onde se nota uma finura e uma elegância notáveis, que podemos concluir, em síntese, o seguinte:

- como os cisnes, Sócrates é consagrado a Apolo;
- é possuidor de dons divinatórios;
- está feliz por partir para o Além.

Ora, uma primeira leitura desta passagem, pode levar-nos a interpretá-la, muito próximo da letra, como querendo dizer que Sócrates tem esse dom extraordinário que é o da adivinhação. De facto, Sócrates surge como consagrado a Apolo e com dons divinatórios não inferiores aos dos cisnes...

A ligação de Sócrates a Apolo surge-nos já na *Apologia*: aí, Sócrates aparece como um porta-voz do deus, incumbido de uma determinada missão<sup>(21)</sup>. Porém, os dons divinatórios de que se fala na passagem do *Fédon*, quanto a nós, devem ser interpretados num contexto de delicado humor. Afinal de contas o que é que Sócrates *adivinha*? Que o espera uma vida feliz no

---

<sup>(20)</sup> *Fédon*, 85 B (trad. M. T. Azevedo).

<sup>(21)</sup> Quanto a este ponto veja-se o nosso ensaio *Os desígnios de Apolo*. «Revista da Faculdade de Letras do Porto — Série de Filosofia», 2.ª série, n.º 8 (1991), pp. 39-49.

Hades e tal como os cisnes está contente em partir para uma nova existência.

O que pretendemos dizer, nestas últimas linhas, é que Sócrates não nos surge, propriamente, como um adivinho.

Então, o que concluir de tudo o que dissemos até aqui?

A conclusão, como veremos, não é, nem simples, nem linear.

Platão aborda, com uma finura psicológica que, quanto a nós, faz lembrar Eurípides, um campo inserido no irracional, para usarmos um termo caro ao historiador Dodds (22). E nesta abordagem surge a adivinhação, matéria na qual o filósofo não introduz grande inovação: ao admitir a faculdade adivinatória nalguns indivíduos, Platão prolonga uma linha tradicional, tendo apenas o cuidado de defender a sociedade dos charlatães, que se tinham multiplicado durante a guerra do Peloponeso.

O que dissemos não responde, ainda, à questão que consiste em saber se o Sócrates dos diálogos é um adivinho (23). Como vimos, em Platão, o adivinho e o filósofo não estão no mesmo plano e se assim é, Sócrates, na obra platónica, pode surgir como uma figura híbrida.

Ao que nos parece, o Sócrates dos diálogos é essencialmente um filósofo e o esforço de Platão é de, na generalidade, apresentar o sábio como independente dos *homens divinos*.

Na obra platónica, Sócrates adivinha categoricamente um sonho, o que nos parece ser suficiente para o considerar não como um adivinho mas sim como um filósofo.

É certo que nos diálogos, Sócrates aparece ligado a Apolo e à interpretação de dois sonhos. Na nossa opinião, tal se fica a dever a uma influência do mais antigo corpo de saber que coexistiu e, por vezes, se cruzou com a filosofia.

As marcas da tradição estão presentes no pensamento platónico e a figura de Sócrates, quer se trate do Sócrates histórico, quer do Sócrates recreado por Platão, ostenta facetas, que no nosso olhar do século XX têm o seu quê de insólito.

---

(22) E. R. Dodds, *Os Gregos e o Irracional*, Lisboa, Gradiva, 1988. Quanto ao tema do nosso ensaio veja-se pp. 1114-148.

(23) Será interessante ver a tese do filósofo como herdeiro do adivinho: F. Cornford, *Principium Sapientiae*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1975, pp. 173-205.

Segundo pensamos, o Sócrates dos diálogos não é um adivinho, e diríamos também que Platão nunca considerou o filósofo, em geral, como possuindo, pelo seu estatuto, quaisquer dons extraordinários.

A nossa interpretação, como se pode verificar, não é de forma alguma linear. Mas esta característica, se estamos no caminho correcto, deve-se em grande parte à distância a que nos encontramos de uma época na qual os padrões culturais são, pelo menos em boa parte, bastante diferentes.

*Alvaro José dos Penedos*